

REVISTA



ECOS

**LITERATURAS, LINGUÍSTICAS,
HISTÓRIAS E CULTURAS**

UNEMAT
Universidade do Estado de Mato Grosso


UNEMAT
EDITORA


EPLIT
Centro de Pesquisa
em Literatura


CEPEL
Centro de Estudos e Pesquisas em Literatura

Editores/Organizadores

Agnaldo Rodrigues da Silva
Taisir Mahmudo Karim

Projeto Gráfico (impressa)

Ricelli Justino dos Reis

Copyright © 2015 / Unemat Editora
Impresso no Brasil - 2015

Ficha Catalográfica elaborada pela Coordenadoria de Bibliotecas
UNEMAT - Cáceres

ISSN: 2316-3933 (*Online*)

ISSN: 1806-0331 (*Impressa*)

Revista ECOS. Literaturas e Linguísticas.

Editores/Organizadores: Agnaldo Rodrigues da Silva / Taisir Mahmudo Karim (Revista do Centro de Pesquisa em Literatura e do Programa de Pós-graduação em Estudos Literários). Cáceres-MT : Unemat Editora, 2016.

249 p.

1. Literatura 2. Linguística

Semestral (Ref.: Jul 2015 - Dez 2015). Vol. 19, ano 12, n. 2 (2015)

CDU: 81

Índices para catálogo sistemático

1. Literatura - 82

2. Linguística - 81



REVISTA ECOS - Grupo de pesquisa em estudos da Arte e da Literatura comparada - Centro de Pesquisa em Literatura / Programa de Pós-graduação em Estudos Literários
Av. Tancredo Neves, 1095 - Cavallhada - Cáceres MT - Brasil - 78200000
Tel: 65 3221-0023 - revistaecos.unemat@gmail.com



UNEMAT Editora
Av. Tancredo Neves, 1095 - Cavallhada - Cáceres - MT - Brasil - 78200000
Fone/Fax 65 3221-0023 -www.unemat.br - editora@unemat.br

Todos os Direitos Reservados. É proibida a reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio. A violação dos direitos de autor (Lei nº 9610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO

Reitora	Ana Maria Di Renzo
Vice-Reitor	Ariel Lopes Torres
Pró-Reitoria de Ensino de Graduação	Vera Lúcia da Rocha Maquêa
Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação	Rodrigo Bruno Zanin
Pró-Reitoria de Extensão e Cultura	Alexandre Gonçalves Porto
Pró-Reitoria de Gestão Financeira	Ezequiel Nunes Pacheco
Pró-Reitor de Planejamento e Tecnologia da Informação	Francisco Lledo dos Santos
Pró-Reitoria de Administração	Valter Gustavo Danzer
Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis	Anderson Marque do Amaral

CENTRO DE PESQUISA EM LITERATURA Agnaldo Rodrigues da Silva

CONSELHO EDITORIAL/REVISTA ECOS

Agnaldo Rodrigues da Silva - UNEMAT (Presidente)
Elza Assumpção Miné - USP
Inocência Mata – Universidade de Lisboa/Portugal
José Camilo Manusse – Universidade Eduardo Mondlane/Moçambique
Manoel Mourivaldo Santiago Almeida – USP
Maria dos Prazeres Santos Mendes – USP
Maria Fernanda Antunes de Abreu – Universidade Nova de Lisboa/Portugal
Mônica Graciela Zoppi Fontana - UNICAMP
Roberto Leiser Baronas - UFSCar
Taisir Mahmudo Karim - UNEMAT
Tânia Celestino de Macedo – USP
Valdir Heitor Barzotto – USP

CONSELHO TEMÁTICO CONSULTIVO

Agnaldo José Gonçalves – UNESP
Águeda Aparecida Cruz Borges - UFMT
Ana Antônia de A. Peterson - UFMT
Ana Maria Di Renzo –UNEMAT
Benjamin Abdala Junior –USP
Célia Maria Domingues da Rocha Reis - UFMT
Eduardo Guimarães - UNICAMP
Elizete Dall'Comune Hunhoff - UNEMAT
Elza Assumpção Miné - USP
Isaac Newton Almeida Ramos - UNEMAT
José Camilo Manusse – Universidade Eduardo Mondlane/Moçambique
José Carlos Paes de Almeida Filho - UNICAMP
Liliane Batista Barros - UFPA
Luiz Francisco Dias - UFMG
Maria dos Prazeres Santos Mendes – USP
Mário César Leite - UFMT
Mônica Graciela Zoppi Fontana – UNICAMP
Nelly Novaes Coelho - USP
Rita de Cássia Natal Chaves - USP
Taisir Mahmudo Karim - UNEMAT
Tânia Celestino de Macedo – USP
Valdir Heitor Barzotto – USP
Vera Lúcia da Rocha Maquêa - UNEMAT
Yasmin Jamil Nadaf - Academia Mato-Grossense de Letras
Walnice de Matos Vilalva – UNEMAT

REVISTA



ECCOS

LITERATURA



MODERNIDADE E ANTIMODERNIDADE NO CONTO
"CIVILIZAÇÃO" E NO ROMANCE A CIDADE E AS SERRAS

MODERNITY AND ANTI-MODERNITY IN THE SHORT STORY
"CIVILIZAÇÃO" AND IN THE NOVEL A CIDADE E AS SERRAS

Rebeca Pinheiro Queluz¹

Período de recebimento dos textos: 01/06/2015 a 30/09/2015

Data de aceite: 30/10/2015

Resumo: O presente artigo procura analisar a representação da modernidade e da antimodernidade no conto "Civilização", de 1892, e no romance *A Cidade e as Serras*, de 1901, ambos de Eça de Queirós. Para isso, o estudo terá como alicerces as proposições teóricas de autores como: Antoine Compagnon, Eric Hobsbawn, Marshall Berman, Zygmunt Bauman, Richard Sennett, Paulo Fernando da Motta de Oliveira, entre outras reflexões críticas a respeito do conto e do romance do autor português anteriormente mencionado.

Palavras-chave: Modernidade; Antimodernidade; *Civilização*; *A Cidade e as Serras*; Eça de Queirós.

Abstract: This article analyzes the representation of the modernity and the anti-modernity in "Civilização" (Civilization), a short story from 1892, and in the novel *A Cidade e as Serras* (The City and the Mountains), from 1901, both written by Eça de Queirós. For this, the study will use the theoretical propositions of authors such as: Antoine Compagnon, Eric Hobsbawn, Marshall Berman, Zygmunt Bauman, Richard Sennett, Paulo Fernando da Motta de Oliveira, among other critical reflections on the short story and on the novel of the aforementioned Portuguese writer.

Keywords: Modernity; Anti-modernity; *Civilização*; *The City and the Mountains*; Eça de Queirós.

1 Universidade Federal do Paraná (UFPR). Doutoranda em Estudos Literários.

Na obra “Os antimodernos – de Joseph de Maistre a Roland Barthes” (2011), Antoine Compagnon assevera que “os verdadeiros antimodernos são, também, ao mesmo tempo, modernos, ainda e sempre modernos, ou modernos contra a sua vontade [...] os antimodernos não seriam outros senão os modernos, aqueles que o moderno não engana, aqueles que sabem” (COMPAGNON, 2011, p. 12). Ao longo do livro, Compagnon aborda inúmeros ângulos desses autores, modernos por serem antimodernos, refletirem e apontarem os paradoxos da modernidade. Segundo o mesmo, “o epíteto antimoderno qualificava uma reação, uma resistência ao modernismo, ao mundo moderno, ao culto do progresso, ao bergsonismo tanto quanto ao positivismo. Designava uma dúvida, uma ambivalência, uma nostalgia, mais do que uma rejeição pura e simples” (COMPAGNON, 2011, p. 13).

Levando em consideração essa perspectiva, nosso trabalho procurou analisar a representação da modernidade e da antimodernidade no conto “Civilização”, de 1892, e no romance *A Cidade e as Serras*, de 1901, ambos de Eça de Queirós. Para isso, o estudo teve como alicerces as proposições teóricas de autores como: Antoine Compagnon, Eric Hobsbawn, Marshall Berman, Zygmunt Bauman, Richard Sennett, Paulo Fernando da Motta de Oliveira, entre outras reflexões críticas a respeito do conto e do romance do autor português anteriormente mencionado.

O artigo foi organizado da seguinte forma: primeiro será realizada uma breve contextualização da época de publicação do romance e do conto queirosianos. Em seguida, serão apresentados os enredos dos dois textos, o modo como os espaços da cidade e do campo aparecem tanto em “Civilização” como em *A Cidade e as Serras* e algumas diferenças entre o conto e o romance. Por último, será analisada a questão da modernidade e da antimodernidade nas duas histórias.

Segundo Paulo Franchetti (apud QUEIRÓS, 2007, p. 15), Eça de Queirós trabalhou no romance *A Cidade e as Serras* desde o final de 1893. Ao entregar ao editor o primeiro capítulo (em fevereiro de 1894), acreditava que sua história teria quatro no total. Concebeu mais um capítulo e, ao concluir o livro, escrevera dezesseis. O autor estava revendo as provas de tipografia do livro, todavia, em 1900 faleceu, sem terminar esse trabalho. A revisão estava completa até o capítulo nove e, a partir desse ponto, Ramalho Ortigão, grande amigo do escritor, a pedido da viúva de Queirós, reviu o que faltava e publicou o texto. Esse trazia alterações e interferências por parte de Ortigão². Mais tarde, na década de 1960, Helena Cidade Moura publicou uma nova edição do romance, retirando as contribuições de Ramalho Ortigão, além de restaurar algumas inconsistências do manuscrito.

2 Conforme Franchetti (apud QUEIRÓS, 2007, p. 10), Ortigão “resolveu como julgou melhor as dificuldades da leitura, corrigiu as construções que não lhe pareceram adequadas, eliminou enganos de redação evidentes, substituiu palavras e expressões por outras que lhe pareceram melhores e por fim liberou o livro para a publicação, que se deu em abril de 1901”.

A primeira concepção do livro data de 1892³, quando se deu a publicação em cinco folhetins do conto “Civilização” na *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro. Segundo Alana de Oliveira Freitas El Fahl (2010, p.11), “Civilização” foi publicado em 1902, junto com outras onze narrativas que Eça de Queirós publicara em periódicos entre os anos de 1874 e 1898, no livro “Contos”, organizado por Luiz de Magalhães. As histórias que aparecem nesse livro são: “Singularidades de Uma Rapariga Loura” (1874), “Um Poeta Lírico” (1880), “No Moinho” (1880), o já mencionado “Civilização” (1892), “A Aia” (1893), “O Tesouro” (1894), “Frei Genebro” (1894), “O Defunto” (1894), “Adão e Eva no Paraíso” (1896), “A Perfeição” (1897), “José Matias” (1897) e “O Suave Milagre” (1898).

A segunda metade do século XIX caracterizou-se pela consolidação do poder da burguesia e o crescimento do proletariado. João Domingues Maia (2008, p. 282) aponta que se, por um lado, tinha-se o progresso (representado pelo crescimento das cidades, pela instalação de novas fábricas, pela utilização de novas fontes de energia, tais como o vapor, o petróleo, o gás e a eletricidade), por outro, cresciam-se os bairros pobres nos quais residiam os operários e suas famílias. Nesse momento, a burguesia, através da expansão capitalista, buscava dinheiro e poder, enquanto que os trabalhadores viviam em condições miseráveis. Estes, insatisfeitos, promoviam as primeiras greves e criavam associações que originariam, mais tarde, os sindicatos.

A ciência⁴, servindo ao progresso industrial, avançou nos seguintes pontos: energia elétrica, indústria do frio e a conservação dos alimentos, utilização do éter como anestésico, descobrimento dos micro-organismos responsáveis

3 Segundo Feliciano Ramos (1967, p. 669-700), “O romance A Cidade e as Serras encontra-se já embrionariamente nos seguintes contos: Suave Milagre, uma das obras primas do conto queirosiano, Adão e Eva no Paraíso, e, em especial, Civilização. A apologia da simplicidade, o regresso à inocência primitiva, a incapacidade da civilização para solucionar o problema da felicidade moral do homem, o interesse pela paisagem campestre do Norte de Portugal, o lusitanismo crescente do escritor, vivem em todos, ou em alguns, destes contos, que compõem, deste modo, o ambiente moral que envolve A Cidade e as Serras”.

4 Em “História da Literatura Portuguesa”, Feliciano Ramos (1967, p. 646-647) assevera que os progressos científicos se fizeram notórios especialmente com os seguintes nomes: o químico Berthelot, o biologista Pasteur, o médico e fisiologista Claude Bernard e o criador da teoria evolucionista, Darwin. O autor afirma que diversas ideias destes homens encontraram bom acolhimento em Portugal na segunda metade do século XIX. Com relação às descobertas científicas, Ramos também menciona o aparecimento das locomotivas, a máquina a vapor e o telégrafo elétrico, que possibilitaram, respectivamente, a rede de caminhos de ferro na Europa, o encurtamento das distâncias e a facilitação das comunicações. Eric Hobsbawn, em “A Era das Revoluções” escreve sobre a evolução da tecnologia, do conhecimento científico e da ideologia de uma crença no progresso individualista, secularista e racionalista. Em “A Era do Capital”, o autor discorre sobre a crença no progresso e na ciência: “avanço do conhecimento, da “ciência” [...] ninguém duvidava do progresso, tanto material como intelectual [...] crença na infabilidade do método científico” (HOBSBAWN, 2002, p. 274). Hobsbawn menciona nomes como os fisiologista Rudolf Virchow e Helmholtz, os físicos William Thompson e Lord Kelvin, o cientista James Clerk Maxwell, o químico Kekulé, Mendeleev e German Lotar Meyer, todos importantes nomes para o período.

pela sífilis, pela malária e pela tuberculose, entre outros. Além disso, houve o incremento do transporte ferroviário e marítimo e a expansão da comunicação telegráfica.

Na introdução de *Tudo que é sólido desmancha pelo ar*, Marshall Berman traça a nova paisagem na qual tem lugar a experiência moderna:

Trata-se de uma paisagem de engenhos a vapor, fábricas automatizadas, ferrovias, amplas novas zonas industriais, prolíficas cidades que cresceram do dia para a noite, quase sempre com aterradoras consequências para o ser humano, jornais diários, telégrafos, telefones e outros instrumentos de media, que se comunicam em escala cada vez maior; Estados nacionais cada vez mais fortes e conglomerados multinacionais de capital; movimentos sociais de massa, que lutam contra essas modernizações de cima para baixo, contando só com seus próprios meios de modernização de baixo para cima; um mercado mundial que a tudo abarca, em crescente expansão, capaz de um estarrecedor desperdício e devastação, capaz de tudo exceto solidez e estabilidade. (BERMAN, 1998, p. 18).

Este autor, ao citar Marx, enfatiza os efeitos negativos do uso da tecnologia desenvolvida pelo homem: “O maquinário, dotado do maravilhoso poder de amenizar e aperfeiçoar o trabalho humano, só faz, como se observa, sacrificá-lo e sobrecarregá-lo. [...] na mesma instância em que a humanidade domina a natureza, o homem parece escravizar-se a outros homens ou à sua própria infâmia...” (BERMAN, 1998, p. 19). Para ele, as invenções e progressos “parecem dotar de vida intelectual às forças materiais, estupidificando a vida humana ao nível da força material” (Idem).

Com relação à modernidade, sociólogo polonês Zygmunt Bauman (2001) em *Modernidade Líquida* reflete sobre questões como as incertezas e hesitações, as mudanças constantes pelas quais a sociedade passa e o progresso. Através dos conceitos de emancipação, individualidade, espaço/tempo, trabalho e comunidade, Bauman discute temas que são interessantes para pensar o contexto dos séculos XIX, XX e XXI, tais como: a incerteza da vida cotidiana, a insegurança na cidade, a precariedade dos laços afetivos e do trabalho, o privilégio do consumo em detrimento da produção, a troca do durável pela amplitude do leque de escolhas e o excesso de informações.

O autor discorre ainda sobre a liberdade que o indivíduo moderno tem no sentido de poder agir de acordo com o que acredita e conforme seus desejos, ao mesmo tempo que recai sobre o mesmo a responsabilidade por suas ações e seus atos. Esse indivíduo, na visão de Bauman, busca a autoafirmação e, para se sobressair em relação às demais pessoas, adquire bens e produtos. Seu desejo não tem limites e ele nunca se satisfaz com o que possui: quer sempre atingir um patamar mais elevado, obter mais poder e mais bens materiais.

Em *O Declínio do Homem Público*, como resume Fernando Bagiotto Botton (2010, p. 623), Richard Sennett “realiza um apanhado das formas de sociabilidade, comunicação, representação, atuação e relação entre as pessoas das grandes cidades, desde o século XVIII até os dias atuais do autor, afim de

compreender como se formaram as concepções intimistas contemporâneas”. Com relação ao indivíduo moderno, Sennett aponta que

O eu de cada pessoa tornou-se o seu próprio fardo; conhecer-se a si mesmo tornou-se antes uma finalidade do que um meio através do qual se conhece o mundo. E precisamente porque estamos tão absortos em nós mesmos, é-nos extremamente difícil chegar a um princípio privado, dar qualquer explicação clara para nós mesmos ou para os outros daquilo que são nossas personalidades. (SENNETT, 1988, p. 16).

Nesse sentido, o autor aponta que multidões de pessoas se preocupam somente com as histórias de suas próprias vidas, com as suas emoções particulares, com seus próprios desejos. Aponta que muitas dessas pessoas sofrem de um narcisismo e que exatamente por essa introjeção no eu não conseguem satisfazer as necessidades desse eu; quando estão para atingir um objetivo ou para se ligarem a outra pessoa, sentem que não queriam isso, bloqueando, desse modo, sua satisfação. Em outras palavras, existe uma procura por uma autossatisfação e, concomitantemente, a própria pessoa não permite que a gratificação ocorra.

Sennett⁵ aborda também a família burguesa do século XIX e a distinção entre o senso da realidade privada e o mundo público exterior ao lar, a organização do espaço urbano, a permeação entre a cidade e o espaço interno, o universo das relações sociais, o comportamento público. Assim como Bauman, Sennett escreve sobre a classe burguesa (que para ascender optava por uma elevação social por meio da individualidade) e sobre a “fetichização da mercadoria” (BOTTON, 2010, p. 4) que vendia a imagem de que a mercadoria, o produto modificava a personalidade.

Por fim, sobre a burguesia, Eric Hobsbawn em *A Era dos Impérios* (1875-1914) afirma que no fim do século XIX há um afrouxamento das estruturas da família burguesa e um aumento do número daqueles que pertenciam, pretendiam pertencer ou aspiravam obsessivamente a fazer parte dessa classe. Dito de outro modo, houve uma ampliação da classe média como um todo. Problematizou-se a definição de “burguesia” naquele momento porque havia uma constante elevação do número dos pretendentes ao status burguês. Hobsbawn aponta que se a linha entre a burguesia e a aristocracia era imprecisa, os limites entre a burguesia e seus inferiores estavam também longe de serem claros. Havia uma distinção entre membros da classe média e da classe operária, dos camponeses e de outros ocupados em trabalhos manuais. Ela se dava principalmente pelo estilo de vida adotado: a classe média podia, por exemplo, exercer atividades ociosas, como o

5 A tese de Sennett em *O Declínio do Homem Público* é a de que “os sinais gritantes de uma vida pessoal desmedida e de uma vida pública esvaziada [...] são resultantes de uma mudança que começou com a queda do Antigo Regime e com a formação de uma nova cultura urbana, secular e capitalista (SENNETT, 1999, p. 30). O autor acusa o esvaziamento da esfera pública em decorrência da hiper valorização da intimidade, da privacidade, do retraimento e do silêncio.

esporte e a educação formal (os adolescentes tinham condições de adiar a tarefa de ganhar a vida, conforme explica Hobsbawn⁶).

A classe média não só crescia, como afirma Hobsbawn, mas adquiria enorme dimensão: “crescia a nova classe média dos gerentes, executivos, peritos técnicos assalariados no capitalismo das grandes corporações estatais e na alta tecnologia: era a burocracia pública e privada” (HOBSBAWN, 2002, p. 254). Diferenciavam-se os membros dessa classe através do sotaque, do nível de educação, das origens e da renda familiar.

Com relação às crenças da burguesia, Hobsbawn declara que essa classe acreditava não apenas no individualismo, na respeitabilidade e na propriedade, mas também no progresso, na reforma e no liberalismo moderado.

Em Portugal, a segunda metade do século XIX constituiu um tempo de problemática e interrogação. Um grupo de jovens começou nos anos 1860 a expressar um desejo de mudança, de modernização da sociedade portuguesa, a que a literatura não devia ficar alheia. Primeiro em Coimbra e depois em Lisboa, estes jovens intelectuais procuravam chamar a atenção para as diferenças que, nas mais variadas áreas (social, econômica, cultural), afastavam Portugal de países como França, Alemanha ou Inglaterra.

A chamada Geração de 1970⁷, como explica Clementina de Fátima Bidarra Pinto de Castro Ribeiro (2008) queria que se desenvolvesse em Portugal a revolução cultural que o progresso técnico supunha: a transformação do ensino, a criação de uma tradição científica, o gosto da experimentação, condições da liquidação do passado e da construção de um novo Portugal. Ou seja, almejavase “europeizar” o país, “libertá-lo das amarras que não lhe permitiam ‘apanhar o comboio’ do progresso” (RIBEIRO, 2008, p. 17). A autora afirma que resultaria desses propósitos um retrato decadente daquela sociedade que importava modelos estrangeiros acreditando que integrava, desse modo, a modernidade desejada.

6 Conforme assevera Hobsbawn (2002, p. 247): “a instrução escolar oferecia, acima de tudo, um bilhete de entrada para as faixas médias e superiores reconhecidas da sociedade e um meio de socializar aqueles que eram admitidos, de modo a distingui-los das ordens inferiores.

7 Um conjunto de intelectuais que, nos anos sessenta, em Coimbra, participou na Questão Coimbrã e abalou o ambiente universitário daquela cidade, e que se juntou novamente em Lisboa para promover uma verdadeira revolução/reforma artística e cultural, através de novas ideias e modelos literários vindos da Europa. Além de tomarem parte na Questão Coimbrã, organizaram as Conferências de Casino. Faziam parte desse movimento Antero de Quental, Eça de Queirós, Oliveira Martins, Teófilo Braga, Ramalho Ortigão, Batalha Reis, entre outros. Muitos desses escritores foram influenciados pelo Realismo francês, profundamente anticlerical, antiburguês e anti romântico. Para saber mais sobre a Questão Coimbrã e as Conferências de Casino (ou Democráticas), ver: RAMOS, Feliciano. História da Literatura Portuguesa – desde o século XII aos meados do século XX. 9ª ed. Braga: Livraria Cruz, 1967; CAMPEDELLI, Samira Yousseff; SOUZA, Jésus Barboza. Literaturas Brasileira e Portuguesa. Teoria e texto: volume único. São Paulo: Saraiva, 2003; RIBEIRO, Clementina de Fátima Bidarra Pinto de Castro. Reaportuguesar Portugal: o sentido patriótico em Eça de Queirós. 130p. Dissertação de Mestrado em Estudos Portugueses Interdisciplinares. Universidade Aberta: Lisboa, 2008.

Assim sendo, surgia o objetivo de criar um movimento que realizasse um tipo de regeneração simbólica, que curaria as enfermidades das quais o país padecia. Os membros da geração de 70, em resumo, com o intuito de modernizar o país, criticavam os costumes, as instituições, as pessoas, “trazendo a lume textos que visavam reformar e alertar as consciências para a necessidade de acordar o país do estado amorfo em que vivia, ‘apanhados’ no espírito do fim de século” (RIBEIRO, 2008, p. 21). Após a questão do Ultimato Inglês de 1890⁸, esses intelectuais uniram seus esforços com o objetivo de suavizar as críticas aos vícios e máculas da sociedade portuguesa, que antes eram ácidas, e de criarem textos que reabilitassem o sentimento nacional, o orgulho da pátria.

Consequentemente, o ser português foi o motivo de reflexão por excelência do século XIX. Os escritores queriam descobrir quem eram os portugueses, como eram. Conforme afirma Ribeiro (2008), assiste-se a uma convergência de todas as formas de olhar a pátria portuguesa. A autora sustenta ainda que essa geração sentiu que deveria agir no sentido de tirar o país desse atraso decadente, deste estado apático e sonolento, tendo em Eça um dos seus protagonistas. Segundo a mesma, Eça de Queirós foi, entre os de sua geração, o maior intérprete da realidade nacional, realidade que descreveu amplamente. Ele constatou a falência de sua aposta em desnudar a verdade e trouxe à luz personagens como Fradique Mendes (personagem de “A Correspondência de Fradique Mendes”), Gonçalo (protagonista de “A Ilustre Casa de Ramires”) e Jacinto (personagem de “Civilização” e “A Cidade e as Serras”), que se distinguiram muito das dos romances iniciais.

A partir dessa brevíssima contextualização, serão comentados os enredos do conto e do romance aqui abordados. As narrativas de “Civilização” e *A Cidade e as Serras* acompanham, como sugere Franchetti, “as peripécias de Jacinto e as afirmações e reações do narrador [...], que conta, comenta e avalia a vida do primeiro” (FRANCHETTI apud QUEIRÓS, 2007, p. 9). No conto como no romance há a história de Jacinto, um jovem abastado que é consumidor de novidade e que crê piamente na ciência e no progresso, cercando-se de todos

8 Um conjunto de intelectuais que, nos anos sessenta, em Coimbra, participou na Questão Coimbrã e abalou o ambiente universitário daquela cidade, e que se juntou novamente em Lisboa para promover uma verdadeira revolução/reforma artística e cultural, através de novas ideias e modelos literários vindos da Europa. Além de tomarem parte na Questão Coimbrã, organizaram as Conferências de Casino. Faziam parte desse movimento Antero de Quental, Eça de Queirós, Oliveira Martins, Teófilo Braga, Ramalho Ortigão, Batalha Reis, entre outros. Muitos desses escritores foram influenciados pelo Realismo francês, profundamente anticlerical, antiburguês e anti romântico. Para saber mais sobre a Questão Coimbrã e as Conferências de Casino (ou Democráticas), ver: RAMOS, Feliciano. História da Literatura Portuguesa – desde o século XII aos meados do século XX. 9ª ed. Braga: Livraria Cruz, 1967; CAMPEDELLI, Samira Yousseff; SOUZA, Jésus Barboza. Literaturas Brasileira e Portuguesa. Teoria e texto: volume único. São Paulo: Saraiva, 2003; RIBEIRO, Clementina de Fátima Bidarra Pinto de Castro. Reaportuguesar Portugal: o sentido patriótico em Eça de Queirós. 130p. Dissertação de Mestrado em Estudos Portugueses Interdisciplinares. Universidade Aberta: Lisboa, 2008.

os confortos e invenções técnicas que o seu século propiciara⁹: uma enorme biblioteca, com muitas obras de filosofia, política, dicionários, enciclopédias, guias, manuais e diretórios; máquina de escrever, telégrafo, fonógrafo, telefone, teatofone; muitos tipos de água (gelada, carbonatada, esterilizada, gasosa, de sais, minerais); ascensores para a comida, escovas para o cabelo (côncava, chata, de longas cerdas, redonda, em forma de telha, flácida, estreita); entre outros aparatos tecnológicos.

Jacinto também participa ativamente da vida social da sua cidade, oferecendo jantares, convidando as pessoas para a sua casa, indo ao teatro, entre outras atividades. Passados alguns anos, Jacinto entedia-se, e esse tédio combinado da visão pessimista que desenvolve da vida, reflete-se tanto física como espiritualmente. Em determinado momento, o personagem se transfere para a zona rural¹⁰ e se vê desprovido de todos aqueles confortos da civilização devido a uma série de incidentes: suas malas se perdem, o lugar para onde ele foi não foi reformado a tempo de sua chegada, entre outras situações. Há um choque e uma renovação de Jacinto, que se vê livre do tédio e apresenta um surto de energia vital, integrando-se à nova realidade da qual não quer mais se afastar.

Tanto “Civilização” como *A Cidade e as Serras* contrapõem a vida simples e a vida caótica, a cidade e o campo, o tédio da vida na metrópole e a viagem aventureira a um lugar exótico, o isolamento vivido na cidade e a integração com a natureza, as vantagens da vida em contato com a natureza e os inconvenientes do excesso de civilização, questões que dizem respeito à modernidade.

A cidade, a partir do olhar de Zé Fernandes, é sempre mostrada de forma negativa:

Assim meu Jacinto, na Cidade, nesta criação tão antinatural [...] o homem aparece como uma criatura anti-humana, sem beleza, sem força, sem liberdade, sem riso, sem sentimento, e trazendo em si um espírito que é passivo como um escravo ou impudente como um histrião [...] Sim, com efeito, a Cidade... É talvez uma ilusão perversa! (QUEIRÓS, 2007, p. 139).

9 Jacinto é um personagem imerso na lógica da sociedade de consumo, influenciando e sendo influenciado pelas tensões e contradições do sistema capitalista, a partir do olhar da elite. Conforme aponta Hobsbawn (1982, p. 286), “Em termos quantitativos nenhuma sociedade precedente comprou tantos livros velhos e novos, objetos materiais, quadros, esculturas, estruturas decoradas de madeira e bilhetes para representações teatrais ou musicais”.

10 No conto: “Ora, justamente depois desse Inverno, em que ele se embrenhara na moral dos negroides instalara a luz elétrica entre os arvoredos do jardim, sucedeu que Jacinto teve a necessidade moral iniludível de partir para o Norte, para o seu velho solar de Torges.” (QUEIRÓS, 1946, p. 725). No romance: “Ao fim desse inverno escuro e pessimista, uma manhã que eu preguiçava na cama, sentindo através da vidraça cheia de sol ainda pálido um bafo de primavera ainda tímido- Jacinto assomou à porta do meu quarto, revestido de flanelas leves, de uma alvura de açucena. Parou lentamente à beira dos colchões, e, com gravidade, como se anunciasse o seu casamento ou a sua morte, deixou desabar sobre mim esta declaração formidável: ‘Zé Fernandes, vou partir para Tormes’ (QUEIRÓS, 2007, p.167).

Zé Fernandes não só comenta com Jacinto os problemas da cidade (por exemplo, as relações superficiais entre as pessoas), como profere um discurso sobre a desigualdade social nela existente, a classe burguesa e a deterioração da Igreja:

As amizades nunca passam de alianças que o interesse, na hora inquieta da defesa, ou na hora sôfrega do assalto, ata apressadamente com um cordel apressado, e que estalam ao menor embate da rivalidade ou do orgulho [...] a neve cai, muda e branca na treva; as criancinhas gelam nos seus trapos; e a polícia, em torno, ronda atenta para que não seja perturbado o tépido sono daqueles que amam a neve, para patinar nos Bosques de Bolonha com peliças de três mil francos. Mas quê, meu Jacinto! A tua Civilização reclama insaciavelmente regalos e pompas, que só obterá, nesta amarga desarmonia social, se o Capital der ao Trabalho, por cada arquejante esforço, uma migalha ratinhada. Irremediável, é, pois, que incessantemente a plebe sirva, a plebe pene! [...] O burguês triunfa, muito forte, todo endurecido no pecado- e contra ele são impotentes os prantos dos Humanitários, os raciocínios dos Lógicos, as bombas dos Anarquistas [...] Esse adorável filho de Deus teve demasiada pressa em se recolher a casa de seu Pai! E os homens a quem ele incumbira a continuação da sua obra, envolvidos logo pelas influências dos Efrains, dos Trèves, da gente do *Boulevard*, bem depressa esqueceram a lição da Montanha e do lago de Tiberiade – e eis que por seu turno revestem a púrpura, e são Bispos, e são Papas, e se aliam à opressão, e reinam com ela, e edificam a duração do seu reino sobre a miséria dos sem-pão e dos sem-lar! (QUEIRÓS, 2007, p. 138; 140; 142).

Na visão dessa personagem, Paris representa um lugar acinzentado, sem cor, onde se desenvolve a pressa, a indiferença, o desejo do lucro e o da carne:

Sob o céu cinzento, na planície cinzenta, a Cidade jazia, toda Cinzenta, como uma vasta e grossa camada de caliça e telha. E, na sua imobilidade e na sua mudez, algum rolo de fumo, mais tênue e ralo que o fumar de um escombros mal apagado, era todo o vestígio visível de sua vida magnífica [...] Em cinco anos, em Paris, tudo continua... As mulheres com um pouco mais de pó de arroz, e a pele um pouco mais mole, e melada... [...] entre a indiferença e a pressa da Cidade eu senti a vaga tristeza da minha fragilidade e da minha solidão [...] Dois impulsos únicos, correspondendo a duas funções únicas parecia estarem vivos naquela multidão- a do lucro, a do gozo [...] dois apetites de Cidade – encher a bolsa, saciar a carne! (QUEIRÓS, 2007, p. 136; 299; 302).

O narrador, sempre que pode, aproveita para fazer comparações entre esses dois espaços, elogiando o campo e depreciando a cidade:

Na Cidade nunca se olham, nem lembram os astros – por causa dos candeeiros de gás ou dos globos de eletricidade que os ofuscam. Por isso nunca se entra nessa comunhão com o Universo que é a única glória e única consolação da Vida [...] Na Natureza nunca eu descobrira um contorno feio ou repetido [...] Na Cidade, pelo contrário, cada casa repete servilmente a outra casa: todas as faces reproduzem a mesma indiferença ou a mesma

inquietação; as ideias têm todas o mesmo valor, o mesmo cunho, a mesma forma, como as libras; e até o que há mais pessoal e íntimo, a Ilusão, é em todos idêntica, e todos a respiram, e todos se perdem nela como no mesmo nevoeiro – A mesmice – eis o horror das Cidades!” (QUEIRÓS, 2007, p. 199; 216).

Assim como no romance, no conto também explicita a beleza e a simplicidade da natureza:

[...] os nossos males esqueceram, ante a inesperada, incomparável beleza daquela serra bendita. O divino artista que está nos céus compusera certamente este monte, numa das suas manhãs de mais solene e bucólica inspiração. A grandeza era tanta como a graça... dizer os vales fofos de verdura, os bosques quase sacros, os pomares cheirosos e em flor, a frescura das águas cantantes, as ermidinhas branqueando nos altos, as rochas musgosas, o ar de uma doçura de paraíso, toda a majestade e toda a lindeza [...] quem pode dizer a beleza das coisas, tão simples e inexprimível? (QUEIRÓS, 1946, p. 727).

Há um tom de nostalgia, de resistência e até um certo conservadorismo nesse olhar da natureza como essência, como completude do ser humano. O crítico marxista Raymond Williams¹¹, que estudou o modo como o campo e a cidade foram representados na literatura inglesa, ressalta que:

Na longa história das comunidades humanas, sempre esteve bem evidente esta ligação entre a terra da qual todos nós, direta ou indiretamente, extraímos nossa subsistência, e as realizações da sociedade humana. E uma dessas realizações é a cidade: a capital, a cidade grande, uma forma distinta de civilização(...) O campo passou a ser associado a uma forma natural de vida – de paz, inocência e virtude simples. À cidade associou-se a ideia de centro de realizações – de saber, comunicações, luz. Também constelaram-se poderosas associações negativas: a cidade como lugar de barulho, mundanidade e ambição; o campo como lugar de atraso, ignorância e limitação. (WILLIAMS, 1989, p. 11).

Williams ao mesmo tempo em que aponta a visão da cidade como “o grande monumento burguês” (WILLIAMS, 1989, p. 17), lugar em que se encontram os grandes prédios da civilização, os pontos de encontro, as bibliotecas e teatros, as torres e as cúpulas, as casas, as ruas, a multidão de pessoas, o centro a atividade e a luz, apresenta o seu lado negativo, do caos do metrô, dos engarrafamentos de trânsito, “a monotonia de casas idênticas e enfileiradas; a pressão agressiva de multidões de desconhecidos” (WILLIAMS, 1989, p. 16).

Do mesmo modo, o crítico caracteriza o campo como uma colcha de retalhos multicolorida, um local em que se encontram fazendas, bosques, rios,

11 Este autor, na obra intitulada *O campo e a cidade: na história e na literatura*, de 1973, problematiza os dois modos de vida, rural e urbano, na literatura inglesa do século XVI até hoje, contrastando-os com as mudanças que ocorreram na sociedade.

aves, a natureza de um modo geral e uma agricultura ativa que ajuda a produzir boa parte da natureza. Por outro lado, há a noção do campo como limitado, local de ignorância e de atraso.

Outro autor que escreve sobre o espaço citadino é Zygmunt Bauman. A partir da definição de Richard Sennett de que a cidade é um “assentamento humano em que estranhos têm a chance de se encontrar” (SENNETT, 1978 apud BAUMAN, 2001, p. 111), Bauman mostra esse espaço como um ajuntamento de pessoas estranhas umas às outras, que não tiveram nenhuma afinidade prévia e provavelmente nunca terão. Nesse lugar as pessoas podem interagir, sem serem pressionadas ou induzidas a retirar suas máscaras sociais (essências da civilidade). As relações e os encontros podem ser breves e superficiais¹².

Paulo Fernando da Motta de Oliveira também indica algumas associações entre o espaço rural e o citadino. O autor sustenta que em *A Cidade e as Serras*

as características da modernidade, típicas da cidade, seriam duplamente negadas: elas não só trariam a infelicidade, em oposição à felicidade capaz de ser alcançada no campo, mas também fariam parte de um universo ilusório, de falsas verdades, cujo destino seria o de ser negado, como demonstraria a trajetória de Jacinto. Assim, o universo da tradição seria não só mais benéfico, mas também mais verdadeiro e duradouro que o da modernidade, fadado este a ser superado na busca por uma felicidade perene. (OLIVEIRA, 1997, p. 157).

Outro autor que discute cidade e campo na obra queirosiana é Antonio Candido. O mesmo assevera que a obra de Eça de Queirós como um todo se apresenta em grande parte como diálogo entre campo e cidade, em que às vezes predomina a nota urbana e, por vezes, tende para a nota rural. No que diz respeito a esses dois espaços, Candido declara que:

Numa sociedade europeia do século XIX, como a portuguesa, cidade deveria significar vida moderna, intercâmbios sociais intensos, participação na civilização capitalista do Ocidente. Campo significaria tradicionalismo, economia agrária, sentido paternal nas relações entre as classes. (CANDIDO, 1964, p. 31).

Candido aponta em seu artigo “Eça de Queirós entre o campo e a cidade” que nas suas primeiras obras predomina a visão urbana na vida, inclusive quando o tema é rural ou semi-rural. Exemplos disso são *O Primo Basílio*, *O*

12 Tanto em “Civilização” como em *A Cidade e as Serras*, a superficialidade aparece nas relações de Jacinto com as pessoas da alta sociedade que frequentavam sua casa, seus jantares. Ninguém além de Zé Fernandes nota o fastio de Jacinto ao longo da narrativa e nem é do interesse do próprio aborrecido comentar com outras pessoas a sua vida pessoal.

*Crime do Padre Amaro, A Correspondência de Fradique Mendes*¹³. Pouco a pouco, os romances do escritor português vão revelando “um abandono do ponto de vista urbanista em proveito do sentimento rural” (CANDIDO, 1964, p. 41). As obras *Os Maias, A Ilustre Casa de Ramires e A Cidade e as Serras*.

Sobre *A Cidade e as Serras*, o crítico defende que:

A civilização torna-se um culto requintado, um dever penoso e absorvente, exercido com reverência na micrópolis do “202”. Para Jacinto, a natureza é a inimiga que rebaixa o homem do pedestal de cultura, impondo a “súbita e humilhante inutilização de todas as suas faculdades superiores”. No entanto, este super-urbano, ressecado pela neurastenia, vai redimir-se no campo, trocando a civilização da cidade (apresentada como nojo intenso na última viagem de Zé Fernandes a Paris) pela pureza sadia da velha existência patriarcal. Por meio da caricatura e do esquema, o romancista procede a uma inversão do fradiquismo e mostra como a suma sabedoria + suma potência = suma servidão [...] O ideal do Príncipe da Grã-Ventura consistirá, pois, em desfradiquizar-se por meio da volta à tradição rural da sua pátria, e da sua gente. (CANDIDO, 1964, p. 46).

Levando em consideração o que disseram todos esses autores sobre o espaço citadino e o rural e pensando em *A Cidade e as Serras*, é possível refletir sobre a problematização desses dois locais por Eça de Queirós. Apesar de Zé Fernandes insistir em provar sua tese de que a vida no campo traria a felicidade e idealizar esse local bucólico, quando Jacinto chega nesse espaço percebe que há, como na cidade, desigualdade na distribuição de rendas, há pessoas pobres sofrendo, há pessoas enfermas, etc. Jacinto traça inúmeros planos para modernizar o local, para melhorar a condição de vida dos pobres que incluem desde a reforma das casas dos rendeiros à construção de escolas, farmácias, creches, bibliotecas, entre outros. Esses planos, entretanto, ficam somente no papel. Ao final do livro, Jacinto integra a essa nova vida muito pouco do progresso tecnológico (que consistirá num telefone e alguns móveis e tapetes) que possuía em Paris; casa-se, vive uma vida serena, contemplativa e mais feliz.

No conto predomina a valorização da natureza e da vida natural: tem-se um verdadeiro manifesto ecológico, que exalta o campo, sede das fontes da vida, em detrimento da cidade, percebida como artificial e nociva. Pode-se dizer que há uma crítica acirrada à civilização burguesa, industrial e materialista, e mais diretamente às suas invenções científicas. Nesse texto, o autor português ironiza a ideia de que o estado avançado da civilização, apenas pelo seu acúmulo de conhecimento e de avanço tecnológico, seja capaz de garantir felicidade. Por fim, em “Civilização”, a imagem da modernidade se reveste de tudo aquilo que é considerado acessório, uma vez que Jacinto obtém uma vida mais integrada (ao ambiente, com os outros). Dessa forma, o que se acentua é esse caráter acessório

13 Para Antonio Candido, “A Correspondência de Fradique Mendes” seria o apogeu do urbanismo representado em Eça de Queirós: “Fradiques Mendes é o burguês idealizado, o perfeito tipo cosmopolita a que tenderia o português civilizado, se Portugal se civilizasse realmente” (CANDIDO, 1964, p. 40).

e desnecessário daquilo que o cercava em Paris. E por extensão a modernidade vai ser interpretada como acessório, desnecessária.

No que diz respeito às diferenças entre o conto e o romance, neste último tem-se uma ampliação e um aumento do contraste das questões anteriormente mencionadas. De Lisboa, onde se supõe que Jacinto vivia no conto, passa-se a Paris, metrópole considerada modelo, cidade ideal por excelência no final do século XIX. O palacete português transforma-se em um palacete na Avenida dos Campos Elísios e seus frequentadores também mudam: no conto, um bispo e algumas personagens locais¹⁴, já no romance são intelectuais, artistas, senhoras da sociedade parisiense, entre outros¹⁵. Na leitura de Paulo Franchetti, o herói de “Civilização” é alguém que nasce, vive em Portugal e lá almeja ser uma pessoa plenamente moderna, podendo-se entender que a sua felicidade rural é um “reencontro com a raiz portuguesa, por meio do abandono da quimera da modernidade; como uma passagem, portanto, do artificial para o natural, do falso para o verdadeiro” (FRANCHETTI apud QUEIRÓS, 2007, p. 17-18). O Jacinto do romance não é nem mesmo português, embora tenha raízes portuguesas e seja proprietário de terras em Portugal, pois desde o nascimento se encontra em Paris.

Há ainda no romance a amplificação do lugar e da importância do narrador enquanto personagem, o que conforme Franchetti (apud QUEIRÓS, 2007, p. 16-17), torna a obra diferente do conto e, em certo sentido, contrária a ele. Isso se dá porque no conto tudo era unívoco: o narrador conta uma história de transformação e bem-aventurança, Jacinto, indo para o campo, encontra a felicidade através da vida simples. Por outro lado, no romance o narrador participa de modo mais decisivo na ação e contracena, a todo o momento, com o personagem principal. O narrador destaca em um primeiro momento a tese de Jacinto¹⁶, seu amigo, e aponta, de modo muito irônico, as escolhas que o mesmo faz, ao mesmo tempo em que defende a vida simples no campo e rejeita a tecnologia como solução para a busca da felicidade.

Em “Civilização” e *A Cidade e as Serras* nota-se uma preocupação do autor em observar os problemas da sociedade e ao mesmo tempo oferecer saídas. Há um lastro científico nesse sentido: ele analisa racionalmente, classifica e denuncia o problema e sugere soluções, por meio de um discurso objetivo e claramente constituído. Dito de outro modo, Eça de Queirós está interessado em apresentar ao leitor a vida moderna, em tentar entender a condição do homem, esse processo de solidão, fragmentação da identidade que pode ser percebido na literatura dos séculos XX e XXI, mas que já pode ser percebido de maneira

14 Um senhoras parentas de Pinto Porto, o erudito bispo de Corazim.

15 O Grão-Duque Casimiro, a condessa de Trèves, o historiador Danjon, o psicólogo feminista, o diretor do Boulevard, o duque de Marizac, o conde de Trèves, o banqueiro, David Efraim, Madame de Todelle, Madame Noredal, Madame d’Oriol, Madame Verghane, a princesa de Carman.

16 De que “o homem só é superiormente feliz quando é superiormente civilizado” (QUEIRÓS, 2007, p. 62).

preliminar no século XIX. Pode-se afirmar que Eça de Queirós foi antimoderno no sentido em que, conforme assinala Compagnon, “oferece armas para combater o “mundo moderno”, determinista, positivista, materialista, mecanicista, intelectualista e associacionista” (COMPAGNON, 2011, p. 456).

O autor português discute nessas duas obras a experiência moderna a partir da constituição do indivíduo. Ele aborda essa experiência tendo em vista o que ela provoca. Busca representar as consequências da tecnologia, o efeito que ela tem sobre os indivíduos, sobre o modo de socializarem. O trecho a seguir, retirado do romance, ilustra a questão da sociabilização:

Depois deste rito derradeiro que lhe arrancava ora um suspiro, ora um bocejo, Jacinto, estendido num divã, folheava uma agenda, onde se arrolavam, inscritas pelo Grilo ou por ele, as ocupações do seu dia, tão numerosas por vezes que cobriam duas laudas. Todas elas se prendiam à sua sociabilidade, à sua civilização muito complexa [...] Jacinto com efeito era presidente da Espada e Alvo; comanditário do jornal *O Boulevard*; diretor da Companhia dos Telefones de Constantinopla; sócio dos Bazares Unidos da Arte Espiritualista; membro do Comitê de Iniciação das Religiões Esotéricas, etc [...] aquela agenda que o escravizava [...] apanhando eu o livro opressivo. (QUEIRÓS, 2007, p. 84).

Em outras palavras, Jacinto possuía diversas funções na alta sociedade, as quais não lhe agradavam, contribuindo apenas para que lhe aumentasse o tédio e a melancolia. Essas ocupações que constavam em sua agenda faziam parte do contexto burguês em que ele e Zé Fernandes estavam inseridos. A angústia de Jacinto é percebida pelo leitor não só pela agenda, que o “escravizava”, mas também pela maneira como Zé Fernandes personifica os objetos, que viram quase personagens na história: “Desde as oito horas a campainha do telefone repicava por ele, com impaciência, quase com cólera, como por um escravo tardio” (QUEIRÓS, 2007, p. 85). Essa personificação constante dos aparatos tecnológicos¹⁷ ajuda a construir essa ideia do ambiente sufocante dos palacetes de Jacinto, tanto no conto como no romance.

Ambas as histórias apresentam as ideias de solidão e isolamento: o homem moderno está fadado a procurar uma integração que vai ser sempre falsa

17 Outros disso exemplos são: “[...] tarde amarga de Janeiro, em que bruscamente, dessoldada a torneira, o jacto de água a cem graus rebentou, silvando e fumegando, furioso, devastador...” (QUEIRÓS, 1946, p. 724); “Todos esses fios mergulhados em forças universais, transmitiam forças universais. E elas nem sempre, desgraçadamente, se conservavam domadas e disciplinadas!” (QUEIRÓS, 1946, p. 721); “E como se todas as forças da Natureza, submetidas ao serviço de Jacinto, se agitassem, animadas por aquela rebelião da água... ‘Oh Zé Fernandes, esta nossa indústria!... Que impotência!’” (QUEIRÓS, 2007, p. 92); “E toda a sua suntuosa Mecânica se conservou rígida, reluzindo frigidamente, sem que uma roda girasse, nem uma lâmina vibrasse, para entreter o seu Senhor. Só o relógio monumental, que marcava a hora de todas as capitais e o curso de todos os planetas, se compadeceu [...]” (QUEIRÓS, 2007, p. 163).

e ilusória. Jacinto exemplifica perfeitamente esse homem moderno, que apesar de ter tudo ao alcance está entediado, indiferente ao que se passa ao seu entorno:

“Que maçada! [...] Uma seca! [...] Espalhava pela mesa um olhar já farto. Nenhum prato, por mais engenhoso, o seduzia [...] Por fim nem vale a pena, é uma seca!” [...] “Não, é agradável, não há nada mais agradável...” [...] Nessa fecunda semana, uma noite, recolhíamos ambos da Ópera, quando Jacinto, bocejando, me anunciou uma festa no 202 [...] Folheias Paris num resumo... Mas é uma maçada amarga! Sem interesse pela sua festa, Jacinto não se afadigou em a compor com relevo ou brilho [...] [Jacinto estava] sempre descaído por cima de sofás, ou vagueando através da Biblioteca entre os seus trinta mil volumes, com arrastados bocejos de inércia e de vacuidade [...] numa soberana tristeza [...] melancolia [...] Claramente percebia eu que o meu Jacinto atravessava uma densa névoa de tédio, tão densa, e ele tão afundado na sua mole densidade [...] em que lodoso fastio caíra, depois de renovar tão bravamente todo o recheio mecânico e erudito do 202 [...] depois, os bocejos, os ocos bocejos com que sublinhava cada passo [...] e sobretudo aquele murmurar que se tornara perene e natural: ‘Para quê?’ – ‘Não vale a pena!’ - ‘Que maçada! [...] logo farto [...] esse fastio opressor que o escravizava [...] já absolutamente saciado, abarrotado, nauseado pela opressão da sua abundância (QUEIRÓS, 2007, p. 86; 90; 99; 130; 131; 163; 165).

Palavras como “desencantado”, “desconsolado”, “desinteressado” começam a aparecer cada vez mais à medida que o romance avança, além do “Que maçada” e dos bocejos “perpétuos e vagos”. O narrador do conto em determinado momento da história se questiona: “Que faltava a este homem excelente? Ele tinha a sua inabalável saúde [...] uma luz de inteligência [...] quarenta magníficos contos de renda [...] e todavia bocejava constantemente” (QUEIRÓS, 1946, p. 724).

Desse modo, esse dândi, como aponta Franchetti¹⁷, acaba desenvolvendo uma visão pessimista da vida, apoiando-se em Schopenhauer e em outros teóricos do pessimismo: “E todavia, desde os vinte e oito anos, Jacinto já se vinha repastando de Schopenhauer, do *Eclesiastes*, doutros pessimistas menores” (QUEIRÓS, 1946, p. 719); “Foi então [aos trinta e três anos] que meu Príncipe começou a ler apaixonadamente, desde o *Eclesiastes* até Schopenhauer, todos os líricos e todos os teóricos do Pessimismo” (QUEIRÓS, 2007, p. 156).

A antimodernidade pode ser percebida tanto no conto como no romance. Ela se revela no protagonista principalmente através do seu pessimismo, figura moral que Compagnon aponta como “aquele que tudo acha ruim [...] ligado à desilusão do progresso (COMPAGNON, 2011, p. 70). Alguns exemplos do pessimismo no romance são: “[Jacinto] Possuía uma fé – o Pessimismo [...] e a sua abominável função de novo se limitou a bocejar, a passar os dedos moles sobre a face pendida, palpando a caveira. Incessantemente aludia à morte como a uma libertação” (QUEIRÓS, 2007, p. 159); “o Pessimismo é uma teoria bem consoladora para os que sofrem, porque desindividualiza o sofrimento, alarga-o até o tornar uma lei universal a lei da própria Vida...” (QUEIRÓS, 2007, p. 219).

Já no conto, essa questão aparece da seguinte maneira: “Claramente a vida era para Jacinto um cansaço- ou por laboriosa e difícil, ou por desinteressante e oca” (QUEIRÓS, 1946, p. 725); “Jacinto não cessava também de buscar interesses e emoções que o reconciliassem com a vida” (Idem); “E era então que ele se refugiava intensamente na leitura de Schopenhauer e do Eclesiastes. Por quê? Sem dúvida porque ambos esses pessimistas o confirmavam nas conclusões que ele tirava de uma experiência paciente e rigorosa...” (Idem).

Compagnon também aponta que a palavra pessimismo, pouco corrente no tempo de Baudelaire, será difundida como uma doença nos anos de 1880. O autor salienta, através de Bourget, que as causas do pessimismo estavam, entre outras coisas, nas “incertezas da década seguinte, nas necessidades de luta pela vida, na insalubridade da existência em Paris, no cosmopolitismo [...] para Brutinière o pessimismo constituía uma resposta moral legítima ao progressismo e ao cientificismo” (COMPAGNON, 2011, p. 91). Desse modo, através do desespero, da melancolia e do *spleen* de Jacinto, Eça de Queirós está refletindo sobre a sociedade daquela época, sobre as incertezas com relação ao futuro e discutindo as consequências daquela sociedade capitalista em que os valores estavam nas relações materiais, monetárias, daquela sociedade cuja crença estava no progresso e no cientificismo.

A figura do narrador também aponta para questões modernas e antimodernas nas obras do autor português. A partir da análise de Paulo de Oliveira do personagem Zé Fernandes, pode-se refletir sobre como se dá a transformação burguesa no mesmo. Em “Tradição e modernidade em A Cidade e as Serras”, Oliveira propõe reflexões sobre o papel desses dois temas centrais nesta obra, ressaltando a figura desse personagem-testemunha.

Ao analisar o romance queirosiano, Oliveira indica o laço de amizade existente entre Zé Fernandes e Jacinto e também a oposição ideológica dos dois personagens: enquanto o primeiro defende o campo, o segundo defende uma vida citadina. Zé Fernandes enquanto personagem-testemunha e enquanto alguém que quer provar a sua tese, indica para o leitor as mudanças ocorridas com Jacinto, tanto na cidade, como no campo. Ele observa, por exemplo, que as características físicas, os gestos e os vestuários de Jacinto se transformam ao longo da narrativa, exteriorizando o estado de espírito do protagonista:

Reparei então que o meu amigo emagrecera: e que o nariz se lhe afileira mais entre duas rugas muito fundas, como as de um comediante cansado. Os anéis do seu cabelo lanígero rareavam sobre a testa, que perdera a antiga serenidade de mármore bem polido. Não frisava agora o bigode, murcho, caído em fios pensativos. Também notei que corcovava (...) E nunca o meu Príncipe me pareceu tão corcovado, tão minguado, como gasto por uma lima que desde muito andasse fundamente limando (QUEIRÓS, 2007, p.72; 169).

Enquanto na cidade, Jacinto parecia envelhecido, cansado, mais magro. No campo, ao contrário, Jacinto aparentava, na visão de Zé Fernandes, haver se recuperado:

Jacinto já não corcovava. Sobre a sua arrefecida palidez de supercivilizado, o ar montesino, ou vida mais verdadeira, espalhara um rubor trigueiro e quente de sangue renovado que o virilizava soberbamente [...] Até o bigode lhe encrespara [...] Era um Jacinto novíssimo (QUEIRÓS, 2007, p. 210).

Da mesma forma, em “Civilização” o narrador ressalta as alterações físicas por que passa Jacinto: “E todavia bocejava constantemente, palpava na face, com os dedos finos, a palidez e as rugas. Aos trinta anos Jacinto corcovava, como sob um fardo injusto!” (QUEIRÓS, 1946, p. 724). Sobre a mudança física ocorrida em Jacinto em Tormes, o narrador observa:

Era o nosso Jacinto. E imediatamente o comparei a uma planta, meio murcha e estiolada no escuro, que fora profusamente regada e revivera em pleno sol. Não corcovava. Sobre a sua palidez de supercivilizado, o ar da serra ou a reconciliação com a vida tinham espalhado um tom trigueiro e forte que o virilizara soberbamente. Dos olhos, que na cidade eu lhe conhecera sempre crepusculares, saltava agora um brilho de meio-dia, decidido e largo, que mergulhava francamente na beleza das coisas. Já não passava as mãos murchas sobre a face- batia com elas rijamente na coxa... Que sei eu? Era uma reencarnação. (QUEIRÓS, 1946, p. 734).

Por meio do relato do narrador e dos comentários que ele faz ao longo das narrativas, pode-se conhecer muito da personalidade deste personagem, que se percebe como alguém que tem fixos determinados valores e crenças. Por exemplo, a todo momento tanto Zé Fernandes como o narrador de “Civilização” utilizam a ironia para mostrarem como Jacinto estava equivocado com sua tese de que a felicidade seria garantida pelo acúmulo de conhecimento e de avanço tecnológico. O próprio modo como eles se referem ao Jacinto é extremamente irônico: “Príncipe da Grã-Ventura”; “o mais complexamente civilizado”; “o meu supercivilizado amigo”.

Por ser um narrador em primeira pessoa e pelo fato de ele estar tentando provar que está certo, deve-se questionar a sua confiabilidade. O narrador, para Oliveira, é um personagem contraditório, pois apresenta ao leitor a imagem que tem de si como “homem do campo”, alguém com um discurso anticidadino, defensor dos valores rurais, da natureza e, no entanto, esse desejo de ser assim não se confirma na sua *práxis*. Sua postura (especialmente no romance, onde seu personagem é ampliado) demonstra uma “duplicidade e contradição frente ao espaço urbano” (OLIVEIRA, 1997, p. 158), quando leva para a Serra instrumentos da própria Civilização que renega.

Nesse sentido, Oliveira percebe Zé Fernandes como o divulgador dos valores que aparentemente tanto repudia. Isso se dá em pelo menos quatro situações no romance. Primeiro, quando tem o pesadelo que revela o medo de que a Serra seja contaminada pelos valores citadinos: “Nessa profunda cova de penas sonhei que em Tormes se construía uma torre Eiffel, e que em volta dela as senhoras da Serra, as mais respeitáveis [...] dançavam nuas, agitando no ar saca-rolhas imensos” (QUEIRÓS, 2007, p. 300). Segundo, quando conta sem

cessar histórias sobre a cidade como, por exemplo, a que compartilha no jantar na casa de tia Vicência sobre o ascensor que falhou num jantar que Jacinto dera para o Grão-Duque: “lancei-me (para animar) interpelando Jacinto, recordando a famosa aventura do peixe da Dalmácia encalhado. ‘Isso foi uma das melhores histórias que nos sucedeu em Paris’” (QUEIRÓS, 2007, p. 274). Posteriormente, quando esquece papéis na carruagem com as mulheres nuas (o erotismo parisiense):

E ajudara a prima Joaninha a montar, quando o carregador apareceu com um maço de jornais e papéis, que eu esquecera na carruagem. Era uma papelada, de que me sortira na estação de Orléans, toda recheada de mulheres nuas, de historietas sujas, de erotismo. Jacinto, que as reconhecera, gritou rindo: “Deita isso fora!”. E eu atirei para um montão de lixo, ao canto do pátio, aquela podridão da ligeira Civilização. E montei. Mas, já ao dobrar para o caminho empinado da serra, ainda me voltei, para gritar adeus ao Pimenta, que me esquecera. O digno chefe, debruçado sobre o monturo de lixo, apanhava, sacudia, recolhia com amor aquelas belas estampas, que chegavam de Paris, contavam as delícias de Paris, derramavam através do mundo a sedução de Paris. (QUEIRÓS, 2007, p. 311).

A quarta situação acontece quando Zé Fernandes resolve comprar em Paris brinquedos para os filhos de Jacinto:

Desde esse momento decidi abandonar a fastidiosa Cidade- e o único dia alegre e divertido que nela passei foi o derradeiro, comprando para os meus queridinhos de Tormes brinquedos consideráveis, tremendamente complicados pela Civilização – vapores de aço e cobre, providos de caldeiras para viajar em tanques; leões de pele verídica rugindo pavorosamente; bonecas vestidas pela Laferrière, com fonógrafos no ventre... (QUEIRÓS, 2007, p. 310).

Além disso, o que caracteriza Zé Fernandes é o fato de ele sempre desejar e idealizar o espaço em que não está, e acabar por cansar dos espaços que habita. Quando, por exemplo, viaja com Jacinto para as serras, já idealiza a cidade que antes tanto renegava. Igualmente, passados cinco anos no campo, antes tão idealizado por ele em Paris, Zé Fernandes “andava então sofrendo de desocupação” (QUEIRÓS, 2007, p. 297) e “certamente, algures, na minha alma, nascera uma pontinha de bolor. Depois a minha égua morreu. Parti eu para Paris” (QUEIRÓS, 2007, p. 298). Depois da decepcionante viagem a Paris, o narrador retorna uma última vez ao campo, alegando que lá permanecerá definitivamente.

Oliveira afirma que a modernidade do livro não se deve apenas à “problematização da existência repleta de ambiguidade e carecendo de uma solução definitiva, refletida na figura de Zé Fernandes” (OLIVEIRA, 1997, p. 159). Esta pode ser percebida principalmente através da contraposição entre as trajetórias de Jacinto e de Zé Fernandes. Enquanto Jacinto se encontra no polo da permanência, o narrador se caracteriza pela mobilidade. Dito de outro modo, Jacinto é a personagem que se fixa primeiro na cidade depois no campo enquanto

que Zé Fernandes circula a todo o momento entre esses dois espaços, sentindo saudades e idealizando o espaço em que não encontra.

Isto posto, Oliveira cita António José Saraiva para apontar que Eça de Queirós utiliza um procedimento recorrente em suas obras que é o duplo. Zé Fernandes e seu amigo enfrentam um problema central que é a cisão entre a cidade e o campo, o que nas palavras de Oliveira, “significa neste século a cisão entre o tradicionalismo português e a modernidade Europeia, problema a que estes dois personagens dão, podemos agora notar, respostas antagônicas” (OLIVEIRA, 1997, p. 160).

Ao mesmo tempo em que Zé Fernandes defende o campo e, conseqüentemente, a tradição, não consegue modificar a realidade campestre no que ela tem de problemático, ao passo que Jacinto, por ter passado pela experiência moderna, por ter sido adepto do cientificismo, consegue assimilar aquilo que concretamente traz melhoramentos importantes e significativos. Ou seja, Jacinto consegue incorporar objetos culturais no mundo natural, como o telefone, que permitiria o contato com a botica, com o amigo e com o sogro. Ao contrário de seu amigo, Jacinto pode aproveitar o que de útil a Civilização tem a lhe oferecer: “Se lá [na cidade] ele tendia a ‘acumular noções, a ajuntar inventos’, no campo assumirá uma perspectiva qualitativa, assimilando apenas aquilo que, concretamente, traz melhoramentos importantes e significativos” (OLIVEIRA, 1997, p. 164). Tendo em vista esse horizonte, desenvolve-se um equilíbrio entre o tradicional e o moderno; o campo não perde as suas características básicas e pode incorporar melhoramentos técnicos necessários para acabar com a pobreza e a miséria que lá existem.

Um fator importante a ser destacado é que enquanto Jacinto já está vivendo as mazelas da burguesia sedutora, Zé Fernandes está passando pela transformação burguesa também. Pode-se afirmar, a partir do entendimento do contexto do século XIX e das transformações pelas quais passava a sociedade europeia nesse momento, que o narrador se encontra no processo de aburguesamento. Zé Fernandes está perplexo diante dessa sociedade nova que tem diante de si, diante de um mundo todo que se abriu para ele e está assustado com o interesse que demonstra por essa sociedade. A modernidade é ruim, apresenta e causa inúmeros problemas, mas também é sedutora, é interessante. Nesse sentido, concluímos que Eça de Queirós é extremamente antimoderno ao apresentar essa figura contraditória, irônica, que desliza entre o campo e a cidade, defendendo ferrenhamente o primeiro, mas contradizendo-se pelas atitudes, pelo aborrecimento e tédio tanto na cidade como no campo, por não se contentar em nenhum lugar, por desejar sempre o espaço em que não se encontra.

Referências

- BAUMAN, Z. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- BERMAN, M. **Tudo que é sólido desmancha no ar** – a aventura da modernidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

- BOTTON, F. B. Reseña de “O Declínio do Homem Público: as tiranias da intimidade” de Richard Sennett. Universidade Estadual de Londrina. **Antíteses**, v.3, n. 5, p. 623-633, 2010. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=193314432026>>. Acesso em: 20 jul. 2015.
- CAMPEDELLI, S. Y.; SOUZA, J. B. **Literaturas Brasileira e Portuguesa**. Teoria e texto: volume único. São Paulo: Saraiva, 2003.
- CANDIDO, A. **Tese e Antítese**: ensaios. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1964.
- COMPAGNON, A. **Os antimodernos**. De Joseph De Maistre a Roland Barthes. Tradução de Laura Brandini. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.
- EL FAHL, A. O. Inútilia Truncat: uma leitura do conto “Civilização” de Eça de Queirós. **Fólio-Revista de Letras**, Vertentes e Interfaces I: Estudos literários e comparados, Vitória da Conquista, v.2, n.1, p. 10-19, 2010. Disponível em: <<http://periodicos.uesb.br/index.php/folio/article/viewFile/36/274>>. Acesso em: 17 jul. 2015.
- HOBSBAWN, E. J. **A Era das Revoluções (1789-1848)**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- HOBSBAWN, E. J. **A Era do Capital (1848-1875)**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- HOBSBAWN, E. J. **A Era dos Impérios (1875-1914)**. Tradução de Sieni Maria Campos e Yolanda Steidel de Toledo. 7ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.
- MAIA, J. D. **Português**: volume único. Livro do professor. 2ª ed. São Paulo: Ática, 2005.
- OLIVEIRA, P. F. M. Tradição e modernidade em A Cidade e as Serras. In: **Boletim do Centro de Estudos Portugueses**. v. 17, n. 21, 1997. Belo Horizonte: Fale/UFMG.
- QUEIRÓS, E. **A cidade e as serras**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2007.
- QUEIRÓS, E. Civilização. In: QUEIRÓS, E. **Obras de Eça de Queirós**. Volume 1. Porto: Lello & Irmão editores, 1946. p. 719-737.
- RAMOS, F. **História da Literatura Portuguesa** – desde o século XII aos meados do século XX. 9ª ed. Braga: Livraria Cruz, 1967.
- RIBEIRO, C. F. Reaportuguesar Portugal: o sentido patriótico em Eça de Queirós. 2008, 130f. Dissertação (Mestrado em Estudos Portugueses Interdisciplinares) - Universidade Aberta. Disponível em: <[https://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/1506/3/disserta%C3%A7%C3%A3o%20II%20\(2\).pdf](https://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/1506/3/disserta%C3%A7%C3%A3o%20II%20(2).pdf)>. Acesso em: 25 ago. 2015.
- SENNETT, R. **O Declínio do Homem Público** – as tiranias da intimidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- WILLIAMS, R. **O campo e a cidade**: na história e na literatura. Tradução: Paulo Henriques Britto. — São Paulo: Companhia das Letras, 1989.